

Pais querem fiscalizar reposição

Com a decisão dos professores, tomada terça-feira em assembleia, de assinar o livro de presença sem trabalhar, os pais de alunos é que terão de assumir a tarefa de fiscalizar e cobrar dos grevistas a reposição das aulas, afirmou ontem a presidente do Movimento Pró-Educação, Elisa Toneto de Carvalho, que representa 1.000 pais de estudantes da escola pública. "A Secretaria de Educação não terá controle sobre as escolas que funcionaram ou não", disse Elisa por entender que os diretores encobrirão as faltas dos grevistas.

A coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação, Maria Clara Paes Tobo, garante que os diretores não fraudarão os boletins de freqüência, porque são passíveis de punição, caso endossem informações inverídicas. Apesar de a União dos Diretores das Escolas do Magistério Oficial (Udemo) ter apoiado a decisão da assembleia, Maria Clara acredita que esses especialistas não vão deturpar a verdade.

O presidente da Associação dos Professores de Ensino do Estado de São Paulo (Apeoesp),

João Felício, garantiu que todas as entidades do magistério vão conscientizar o professorado para que cumpra a reposição, desde que o governo pague os dias parados, independentemente da assinatura do livro de presença. Para o presidente da Central Única dos Trabalhadores Estadual (CUT), Arlindo Chinaglia, bater o ponto e não trabalhar é uma estratégia da greve, uma "pressão legítima" dos professores. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antônio Medeiros, tem a mesma opinião.